

América do Sul – a utopia no horizonte sangra aos golpes de Estado, às ditaduras e ao exílio

NIMA I. SPIGOLON

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

RESUMO

O artigo versa em torno de golpes de Estado em países da América do Sul entre 1960 e 1980 que instauraram ditaduras e exílios como destinos compulsórios. O objetivo principal é refletir sobre as consequências disso para a democracia e os direitos humanos ao abordar acontecimentos cuja potencialidade permanece ainda hoje. Sua caracterização é marcada por transições políticas, atos de extrema violência, crises econômicas, imperialismo norte americano e ascensão neoliberal sob a tutela militar com forte presença de movimentos sociais. Justifica-se tanto pelo caráter histórico, ao discutir o passado, quanto pela utopia que estabelece com o presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias e menos autoritárias. Aponta-se que, ao analisar cenários comuns à América Latina, constitui a complexidade de experiências geradas por séculos de dominação hegemônica e colonizadora, mas com processos diferentes, numa tentativa universal de superação. Assim, recobrar memórias e investigar conjunturas é uma forma de tentar se impedir governos ditatoriais, recusar situações sociais de controle, de opressão, de exclusão e de violação de direitos, assim como é uma maneira de fortalecer a sociedade democrática, a Educação pública e socialmente referenciada e os princípios de liberdade e de vida.

Palavras-chave: América do Sul; Golpes de Estado; Ditadura; Exílio; Utopia.

South America – utopia on the horizon bleeds to blows of State, dictatorships and exile

ABSTRACT

The article deals around coups in South American countries between 1960 and 1980 that have dictatorships and exiles as compulsory targets. The main purpose is to reflect their impact on democracy and human rights when discussing events, whose potential still remains today. Your characterization is marked by political transitions, acts of extreme violence, economic crises, North American imperialism and neoliberal rise under military custody with strong presence of social movements. It is justified by both, the historic character to discuss past and the utopia that establishes with the present/future construction of more egalitarian and less authoritarian societies. It is pointed out that, by analyzing common scenarios for Latin America in with is the complexity of experiences generated by centuries of hegemonic domination and colonization, but with different processes, in an attempt to overcome universal. So, recover memories, investigate situations is trying to prevent dictatorial governments, refuse social situations of control, oppression, exclusion and violation of rights is to strengthen the democratic society, public education and socially referenced and the principles of freedom and life.

Keywords: South America; Blows of State; Dictatorship; Exile; Utopia.

INTRÓITO

[...] En estas páginas se unen el pasado y el presente. Renacen los muertos, los anónimos tienen nombre: los hombres que alzaron los palacios y los templos de sus amos; las mujeres, ignoradas por quienes ignoran los que temen; el sur y el oriente del mundo, despreciados por quienes desprecian lo que ignoran; los muchos mundos que el mundo contiene y esconde; los pensadores y sentidores; los curiosos, condenados por preguntar, y los rebeldes y los perdedores y los locos lindos que han sido y son la sal de la tierra (GALEANO, 2008, epígrafe).

A América Latina compartilha da infame herança das ditaduras militares – que brutalmente deixam um rastro de sangue¹, irreversíveis sequelas sociais e a utopia que, incansavelmente, acena e permanece no horizonte.

As ditaduras, em nosso continente, instauradas por cenários históricos próprios, podem ser entendidas como tomada do poder do Estado, caracterizando regimes de governo contrários à democracia numa ascensão revestida do discurso para evitar revoluções comunistas. Não obstante, estabeleceram políticas que, por um lado, postergaram os movimentos que pretendiam mudar o sistema capitalista, acabar com o imperialismo e o colonialismo vigentes e ampliar o acesso à educação e à saúde, diminuindo as desigualdades sociais e, por outro lado, com o apoio principal dos Estados Unidos, adotaram medidas de abuso de poder com extrema barbárie e violência, vinculadas a torturas, assassinatos, desaparecimentos, exílios, censuras e perseguições.

Governos cuja duração chegou a ter três décadas que marcaram para sempre o destino de países e povos. O mapa latino-americano das ditaduras militares² esquadrinha: 1954 – Guatemala e Paraguai; 1962 – Argentina; 1964 – Brasil e Bolívia; 1968 – Peru; 1973 – Uruguai e Chile; 1978 – República Dominicana; 1979 – Nicarágua.

São décadas de transformações e que se expandem em suas áreas de intervenção sobre a sociedade. Os quadros, nacionais e internacionais, demarcados pelo processo urbano, industrial e tecnológico refinam-se nas formas burocráticas

1 Dada à sua relevância, no momento supracitado, a expressão “sangue” denota violência, assassinatos, tortura. Tendo em vista que não fique no senso comum, atribuímos a ela significado profundo e histórico.

2 Vide autores como: GUAZZELLI (2004); MORAES (2001); LARANJEIRA (1990); FAUSTO (1999).

de governo e nas propostas para a instituição de um Estado forte³, apresentando um fenômeno tanto moderno e inevitável, quanto ameaçador em seus desdobramentos.

Desdobramentos de uma utopia que acena no horizonte e sangra aos golpes perpetrados por ditaduras e exílios e por manifestações torpes da longa permanência da tutela autoritária do terrorismo de Estado⁴, das políticas neoliberais, das crises econômicas recorrentes e da repressão aos movimentos sociais.

É a América Latina, a “região das veias abertas” que, desde o descobrimento, tudo se transforma em capital europeu ou norte-americano e, como tal, tem-se acumulado nos distantes centros de poder. Para Galeano “nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos” (1987, p. 14).

Chasteen (2001) considera centrais e unificados, na história da América Latina, os processos de conquista e colonização, demonstrados pela mistura de raças e etnias, desenvolvimento de classes, revoluções e formação de Estados, que buscam o crescimento econômico independente e a igualdade política e social.

O que são os golpes de Estado na América Latina senão os sucessivos episódios de torturas e violências, assassinatos e perseguições, exílios que se converteram em fatos cotidianos. As ditaduras revelam a contaminação dos sistemas, sufocando o oxigênio da liberdade cuja guarda pretoriana é convocada para salvaguardar a “ordem”, isso assevera que “a engrenagem internacional continuou funcionando: os países a serviço das mercadorias, os homens a serviço das coisas” (GALEANO, 1987, p. 287).

3 Entendemos que o papel do Estado seja de maneira apropriada para o presente e que haja intervenção, equilíbrio e interação entre ele e a sociedade, assumindo uma posição objetiva e estrutural do processo produtivo e de interesses, sendo responsável pela elaboração de regras que incentivem a criação de empregos e rendas, a inovação tecnológica e não permita a formação de oligopólios/monopólios, assuma posicionamentos tendo em vista valores e utopias da população e do país. País onde o Estado tenha, em seu papel, assegurar os direitos e deveres do indivíduo, atuando firme e forte para diminuir/extinguir disparidades e injustiças sociais, privilegiando as condições de vida. Nesse sentido, as questões econômicas, políticas, sociais e educacionais passam a ser também culturais, éticas e estéticas e humanas.

4 O referencial bibliográfico com o qual trabalhamos não diferencia terrorismo e autoritarismo de Estado, considerando em comum: subordinação dos poderes judiciário e legislativo ao poder executivo; repressão a toda e qualquer oposição política e ideológica ao governo, cassação dos direitos individuais, estado de exceção, entretanto, temos consciência de que alguns autores operam com marcadores que distinguem estes regimes. Arendt (1990), por exemplo, faz distinções para sistemas ou regimes autoritários e ditaduras totalitárias e utiliza a Itália fascista, a União Soviética Stalinista e a Alemanha nazista.

A América Latina representa uma utopia⁵ possível que direciona para as possibilidades de mudanças. Outra imagem representativa para se pensar no futuro e nas utopias é a do horizonte. O horizonte esconde o que está adiante, no futuro, mas, no fluir do tempo, o horizonte também é revelador, pois, historicamente, o futuro vai sendo transformado em presente. O horizonte é infinito, é fronteira entre presente e futuro. E “para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar” (GALEANO, 2007, p. 310). Caminhemos, pois, de mãos dadas com a América Latina.

A possibilidade de pensar para além do horizonte, para além dessa fronteira, é um dos elementos centrais da emancipação humana, pois, apesar dos condicionamentos sociais e culturais das sociedades divididas em classes, há um espaço de reflexão e ação autônoma que permite a construção de uma consciência acerca da dominação vigente com potencial de superá-la.

A utopia permite uma ligação entre o presente e o futuro, no momento em que ela se enraíza no presente em mudança, influenciando-o e sendo influenciada por ele. Como processo dialético, é desejo que o movimento real seja de transformação social, uma vez que a utopia precisa estar associada ao movimento social real e presente, pois, segundo Freire (2000, p. 118-119), possui uma dimensão “anunciante e denunciante”. Denunciante de um presente que temos e anunciante de um futuro que queremos.

Não obstante, o reconhecimento de que as transições democráticas se realizaram sob a instauração militar, com a gradual re-emergência da esquerda e na presença ativa dos movimentos sociais; as experiências do período criam possibilidades e alternativas de construção permanente dos países latino-americanos, posto que nenhum conflito ou reivindicação política relevante se limita aos territórios nacionais. Em sua maioria, possui relação exterior, materializada em novas formas de ação e demandas coletivas.

O pensar histórico constitui uma das forças sociais presentes nos cenários da América Latina e aprofunda as reflexões em torno das matrizes teórico-políti-

5 A palavra foi cunhada a partir dos radicais gregos οὐ, “não” e τόπος, “lugar”, o “não-lugar” ou “lugar que não existe”. Utopia é um termo inventado por Thomas Morus por volta de 1516, um lugar novo e puro onde existiria a sociedade perfeita. Diferentemente dele, o conceito que adotamos ancora-se em VÁZQUEZ (2001); LEFEBVRE (2008); GALEANO (2007) e FREIRE (2000). Como os autores, acreditamos que a realidade também é a utopia, já que é a partir do que se vive no real que se projetam as ideais, os sonhos, as esperanças de um futuro melhor feito a partir dos movimentos de transformação dessa realidade.

cas das ditaduras e das ausências dos direitos humanos essenciais aos sujeitos que participaram das lutas pelas liberdades democráticas, anteriores ou não ao século XXI. A história é, para nós, uma professora. A busca de “chaves da história passada, contribuem para explicar o tempo presente, a partir da base de que a primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la” (GALEANO, 1987, p. 286).

A história da América Latina e de seus povos é como as “veias abertas”, provêm da realidade, vertida em escarlata nos livros e relatos, nas músicas, escorre rubra nas telas e pesquisas que nos tem ajudado a conhecer o que somos, para saber o que podemos ser e que nos tem permitido pensar de onde viemos para melhor averiguar aonde vamos. Niemeyer defende a luta dos povos latino-americanos por sua soberania e reafirma que a América Latina precisa de mais cuidados, pois “estamos em um momento de ameaças e não sabemos até que ponto a coisa chega na América do Sul. De modo que hoje nós temos falado de América Latina com mais frequência, do mundo de invasões que estamos vivendo” (NIEMEYER, 2007, p. 9).

O conjunto dos golpes, das ditaduras e dos exílios, aliado à conquista e colonização das Américas, é fundamental para a compreensão da contemporaneidade e de que as problemáticas que emergiram desta conjuntura pulsam latentes e abertas. Então, para melhor acompanhar os movimentos presentes nas sociedades latino-americanas, enfatizamos que estes representam experiências individuais nas circunstâncias coletivas vividas.

Todorov (1982), ao abordar a questão do outro e relacioná-lo para analisar as sociedades, apresenta um valor significativo para a história da América, perspectivando sua própria conquista e colonização ao alertar para as consequências do não reconhecimento do outro como sujeito de direitos iguais e de culturas diferentes. Observa que se “descobre a América, mas não os americanos” quando se desconsidera o outro como humano, a comunicação como um instrumento de dominação e as variações da percepção do outro.

CONFIGURAÇÕES, MEMÓRIAS E EXÍLIOS

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu

e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

Os golpes, as ditaduras e os exílios inserem-se na América Latina entremediada pelas memórias individuais e, ao mesmo tempo, coletivas, marcando as décadas de 1960 a 1980 e alterando realidades de povos, países e vidas.

Diante de tais configurações⁶, como pode um período específico ser tão simbólico e representativo para a História? O fato é que os impactos dos ventos revolucionários desses anos abalaram para sempre a forma clássica de fazer política, as classes da sociedade e os padrões de comportamento. Ventos assoprados a partir do epicentro europeu que se estenderam até a América Latina.

As idas e vindas desse embate não apresentam apenas os cenários de uma época ou de lugares com suas lutas, mas abrem diante de nós os estandartes da utopia para desenrolá-los com acontecimentos que emergem, junto a concepções, a valores e a interesses que movem os sujeitos, numa dinâmica sociopolítica que influenciou a sociedade e os comportamentos. A sinopse apresentada por Piozzi expressa muito bem isso, pois ainda que

Contrariando tanto as interpretações tendentes a reconhecer que em 68 a explosão irracional do “desejo” contra o tecnicismo e o calculismo inscritos na razão moderna quanto aquelas que identificam em sua faceta “agressiva” a marca da barbárie predominante no “breve século XX” [...] encontrando nelas a reiteração de um projeto político rumo a uma forma *radicalmente* diferente de organização coletiva [...] e o combate ao imperialismo e às ditaduras por uma sociedade livre e igualitária [...] inscrevendo-se no “espírito” de luta internacional de 68 associado ao fugaz renascimento das utopias e experiências anticapitalistas vindas do século XX. [...] Neste espaço “libertado”, as obras do “marxismo heterodoxo”, de Trótski a Rosa Luxemburgo, os clássicos do anarquismo e os textos dos novos teóricos emersos recentemente das revoltas dos países periféricos inspiravam os debates do movimento em busca de um projeto político capaz de virar o mundo de ponta-cabeça (PIOZZI, 2008, p. 17-18).

6 O sentido é o adotado por Elias – assim como ele, entendemos que “o conceito de configuração expressa o que chamamos de ‘sociedade’ e que os instrumentos conceituais da sociologia não são nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um ‘sistema’ ou ‘totalidade’ para além dos indivíduos, mas a rede de interdependência por eles formada” (1994, p. 249).

O mundo de ponta-cabeça... Na Europa Ocidental, por exemplo, lutava-se contra o autoritarismo social, esse movimento eclodiu na França com seu “Maio de 68”; já, na Europa Oriental, assim como na Polônia e na Tchecoslováquia, o antagonista era o imperialismo soviético, o movimento desabrochou com a “Primavera de Praga”; nos Estados Unidos, com a guerra do Vietnã e a sociedade de consumo; e, na América Latina, finalmente, a palavra de ordem era lutar contra as ditaduras militares e o imperialismo americano (SPIGOLON, 2014).

O que cada um de nós traz e leva desses períodos? Na América Latina e no mundo, ecoou um grito que o vento espalhou pelos quatro cantos, contra a dominação do corpo e a libertação do desejo; contra a exploração do planeta e do ser humano, a perspectiva utópica; contra o comunismo ortodoxo e a maximização da produção capitalista; a favor da paz e do amor. Os conflitos de gerações, de comportamentos, de filosofias e políticas revolucionaram o modo de fazer as coisas na sociedade, na cultura, nas artes, na guerra, na família, no amor – enfim, na vida (Ibidem, p. 171).

Portanto, o movimento para o exílio pode ter sua compreensão alargada quando analisado como ato de repressão militar e terrorismo de Estado, como forma de coibir atividades políticas e de contribuir para caracterizar escolhas. A força da situação conduz a uma ação individual com características sócio-históricas e se assume coletiva.

As reflexões de Elias (1994, 2001) contribuem para superar as propostas de análise dicotômicas e fundear discussões indivíduo/sociedade, uma vez que não faz sentido pesquisar os seres humanos do ponto de vista exclusivo das suas atividades econômicas ou políticas, ou então percebê-los apenas como produtores de ideias ou depositários de sentimentos. O cuidado de evitar a compartimentação dos sujeitos e das sociedades em categorias rígidas parte do pressuposto de que as estruturas da sociedade e da história humana são indissociavelmente complementares e devem ser estudadas em conjunto. As configurações possuem uma dinâmica imanente que compreende lutas e pressões em seus diferentes níveis e, por isso, formam um processo que é, ao mesmo tempo, estabelecido pela estrutura das configurações e que se transforma por elas, “nós não somos independentes, ninguém o é [...] dependemos uns dos outros” (2001, p. 98).

Os tempos e lugares estão em rearranjos constantes, embaralhando os fragmentos e as percepções sensíveis do real. As memórias⁷ se fazem perguntas como, por exemplo, de que maneira esses tempos/lugares têm sido reencenados nas pesquisas? Que resquícios há neles que apontam para as práticas sociais e as diferentes realidades conhecidas? Quais significados que lhes são atribuídos? Como comparecem na formulação de políticas públicas e educacionais? A memória contribui para que não se esqueçam e nunca mais aconteçam períodos sombrios de golpes, ditaduras sob as agruras do exílio.

O exílio tem papel fundamental nas configurações nacionais, latino-americanas e mundiais. A experiência de ser exilado para o indivíduo e o grupo representa

[...] comporta dolor y sufrimento – desarraigo, perda de identidad, la interrupción violenta de todas las actividades de la vida cotidiana [...] un violación de los Derechos Humanos; por último, los exilados realizaron un labor político de denuncia internacional del terrorismo de Estado (YANKELEVICH y JENSEN, 2007, p. 11).

Em retrospectiva, aconteceu no Brasil o golpe de 1964 que depôs o Governo Goulart, instaurou a ditadura e, como consequência, o exílio. É um tempo que permanece vivo. Sem condições de aprofundar, é importante analisá-lo como parte do processo histórico das transformações econômicas, políticas e sociais em curso na sociedade brasileira (FERNANDES, 1975; GORENDER, 1987; BAUER, 2012; TOLEDO, 1983).

Estas décadas engendram um conflito irremediável que se traduziu nas contradições criadas pela polarização de forças oriundas da tomada de consciência do processo nacional-desenvolvimentista, fundamentado nas especificidades do país contrárias à internacionalização da economia e do projeto modernizador que colocou em marcha o modelo financiado pelo capital estrangeiro que cobrava o alinhamento do Brasil ao imperialismo norte-americano (MAZZA, 2003).

Seguidas ao golpe de 1964, advieram perseguições, fugas, prisões, clandestinidade, exílios numa demonstração do poder autoritário e do aparato repressivo e violento do Estado utilizado pelo regime de governo que se manteve por mais

7 A memória não é o alinhamento objetivo dos fatos passados, mas interpretação e construção, imaginação e composição. Ancora-se no espaço, no tempo e nas mediações da linguagem. É o tempo narrado na história a partir das experiências (LARROSA, 2002).

de duas décadas (1964/1985). Isso atingiu indistintamente brasileiros que saíram do país, em virtude de se tornarem alvo da ditadura e da repressão.

Como em outros países latino-americanos, percursos de vida foram alterados drasticamente, transformados indistintamente em virtude de se tornarem alvo da ditadura. Mulheres, homens, jovens, crianças, famílias, marcados, por exemplo, com Atos Institucionais (AI); cassação de direitos políticos dos tidos subversivos ou perigosos; repressão aos movimentos populares e sociais; manifestações de proibição contrárias à liberdade; cerceamento dos meios de comunicação; censura aos artistas, intelectuais; estudantes e militantes; alinhamento ao imperialismo norte-americano; controle dos sindicatos; implantação do bipartidarismo com oposição controlada; enfrentamento armado aos movimentos de guerrilha adversos ao governo vigente; uso de métodos violentos de repressão, punição, tortura, prisão, desaparecimentos e mortes; expulsão, exílio e banimento dos opositores e considerados contrários à moral e à ordem pública estabelecida (SPIGOLON, 2014).

Segundo a tradição política latino-americana, até meados de 1960, exilar-se significava entrar numa embaixada, após golpe de Estado, desencadeando rearranjos de blocos de poder. Alguns exilados aproximavam-se mais do arquétipo latino-americano: “empenhavam-se por mudanças no âmbito da legalidade, sem se identificarem com um projeto de transformação da ordem” (ROLLEMBERG, 1999, p. 63).

A dinâmica de saída massiva de exilados persistiu, sobretudo na América -Latina e, a carta do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, em 1949, cuja âncora conceitual foi elaborada contemplando as circunstâncias históricas do pós-guerra, prevê que, por causa dos “ditos temores” aqueles que se encontrem fora do país de sua nacionalidade ou fora do país onde antes residiu habitualmente, não possa ou não queira regressa a esse país e que

[...] nenhum dos Estados contratantes expulsará ou rechaçará, de maneira alguma para as fronteiras dos territórios em que a sua vida ou a sua liberdade seja ameaçada em virtude da sua raça, da sua religião, da sua nacionalidade, do grupo social a que pertence ou de suas opiniões políticas (ACNUR, 1951, p. 15-16).

É interessante notar como as fronteiras que diferenciam uns dos outros são tênues e, por vezes, se confundem. Acreditamos que, para encontrarmos um critério unificador das diferenças, precisamos recorrer a aspectos da própria condição humana, uma vez que o principal objetivo é proteger indivíduos que são atingidos por perseguição política em seus países de origem por intermédio do acolhimento destes em um país estrangeiro. Assim, a proteção se fundamenta na solidariedade e na cooperação internacional.

Segundo pesquisadores, essa situação marca os países latino-americanos devido à instabilidade das suas instituições políticas. Ressaltam o papel da América Latina em termos de exílio e asilo político, pois estabelecem a concessão de acolhimento como dever dos Estados e ampliam a proteção prevista pela Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) e, entre os documentos regionais, destacam a Declaração Americana de Direitos Humanos (1948) e a Convenção Americana de Direitos Humanos (1969). O que, do ponto de vista político, não traz resoluções imediatas, todavia, marca avanços no campo dos direitos sociais e humanitários.

Os exilados das ditaduras latino-americanas são essencialmente políticos, o que lhes dá identidade, mas não os vitimiza. Não pretendo fazer uma apologia a eles, fazer isso seria coadunar com a lógica acionada pela repressão política e ditatorial nos anos 1960 em detrimento de sua condição de sujeito político que, de uma forma ou de outra, desafia e enfrenta o poder constituído, segundo suas ideais, posições e ações e, por isso mesmo, estão nesta condição conscientes (MAZZA, FERREIRA & SPIGOLON, 2015). Eles representam e se apresentam, através de suas memórias, como sujeitos políticos conscientes que participaram da luta política na América Latina e, em outros momentos, pelo mundo (CAVALCANTI & RAMOS, 1978).

Depois desses anos, com golpes de Estado, ditaduras instauradas e o exílio percorrido, notamos, por um lado, o comprometimento político e ideológico com a libertação da América Latina e, por outro, as manifestações como forma de impedir a repetição de governos ditatoriais, de recusar situações sociais de opressão, de exclusão, de discriminação e de violação dos direitos.

É possível pensar o exílio a partir de uma chave dupla, a do terrorismo de Estado e, portanto, a chave é política e coletiva; e a da memória e a das experiências vividas que são, neste caso, os exilados latino-americanos com suas experiências de exílio (YANKELEVICH Y JENSEN, 2007).

Nas memórias desses países e povos pulsa a América Latina como dimensões da relação humanidade-realidade-conhecimento que descrevem processos e fortalecem a sociedade civil e os princípios de liberdade e vida.

MORRER SOB A DITADURA OU SOBREVIVER NO EXÍLIO

Artigo final

Fica proibido o uso da palavra liberdade,
A qual será suprimida dos dicionários
E do pântano enganoso das bocas.

A partir deste instante
A liberdade será algo vivo e transparente
Como um fogo ou um rio,
E sua morada será sempre
O coração do homem.

(MELLO, Thiago de, 1965)

O que pode significar manter-se vivo, deixar o país de origem pela recusa a morrer sob uma ditadura ou a viver no exílio imposto pelo Estado, mesmo sendo ou não um envolvido direto, processado ou preso, torturado ou perseguido?

A decisão de partir podia ser pessoal/individual ou do grupo/coletivo a que se pertencia e foi tomada diante das pressões e prisões iminentes, em meio a ameaças e barbaridades cometidas no cerco que se apertava. Poderia significar desistência da luta, mas igualmente o único caminho para mantê-la. Sair, ir, partir para o exílio era, então, escapar, sobreviver, seguir, e a origem da partida é o intolerável. Será que os exilados(as) têm escolhas? Impossibilitados de viverem nas brechas do sistema, cerceados em suas atividades e tolhidos em suas liberdades de expressão, são atingidos pelo regime autoritário e repressivo, violento e insano.

El horizonte legal donde quedaron comprendidos los exilados resulta un buen indicador de una conductateñida de generoso humanitarismo, pero también de una significativa cuota de discrecionalidad. Sucede que no todos los exilados fueron asilados políticos; una buenacantidad de ellos llegó por sus propios medios [...] a las necesidades que imponía una realidade desbordada por una incontenible afluência de perseguidos (YANKELEVICH, 2002, p. 12).

Na história, a realidade do exílio aparece como um recurso, talvez o único e possível para sobreviver e resistir em diferentes ocasiões e experiências, quando a permanência no país levaria à eliminação de indivíduos e grupos. O exílio se define ainda, no país, com o golpe, “[...] Quando um homem necessita de se esconder é porque já perdeu a liberdade!” (JULIÃO, 1978, p. 67 e 289).

Liberdade encontrar-se-á de país em país? Liberdade que se quis desfrutar, sob a condição de exilados, de homens, de mulheres, de crianças, de latino-americanos que, movidos por memórias que resistem a um tempo histórico, cujo significado intemporal se adiciona, nos fazem refletir, pela visão individual, sobre o mundo que os cercava.

O conceito amplo de exílio permite compreender que a saída do país é, na maioria das vezes, limitada ao absurdo de ficar e morrer ou de sair e viver. O exílio é uma resultante dessa situação política limítrofe que gerou diversos graus de recusa/aceitação, várias formas de viver em certas condições, diferentes modos de como as identidades de mulheres e homens foram afetadas. Há exílios que concernem à duração, às inserções, às percepções e às definições. Então, o exílio pode ser dentro do próprio país: clandestinidade, marginalização geográfica/cultural, perda de vínculos, ruptura com a militância; ou fora dele: a legalização, o assumir-se exilada, manter-se brasileira, o medo de voltar e sentir-se estrangeira. O fato é que múltiplas são as experiências, as reconversões identitárias e as formas de encará-las (MAZZA, FERREIRA & SPIGOLON, 2015).

O exílio, como fenômeno histórico, por não ser exclusivamente pessoal, e sim ter relação com um processo social mais amplo, envolveu latino-americanos na opção de continuar suas formas de viver e também significou a descoberta de outros sentimentos, dentre eles a dor pela saída de seu país de origem e as rupturas para viver e enfrentar a nova realidade.

O EXÍLIO LATINO-AMERICANO

[...] o exílio foi outra experiência de vida que serviu para a gente entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão com o outro. Uma abertura maior mesmo, de coração. [...] Acho que uma das coisas que o exílio dá fortemente é ver o outro (FREIRE, Elza, 1980, p. 204).

Para Rollemberg (1999; 2004), Rabêlo&Rabêlo (2001) e Moraes (2003), dentre outros, a perspectiva inicial, após os golpes e as ditaduras, era a de aguardar os acontecimentos e articular o retorno para os países de origem em solo latino-americano. Entretanto, a onda golpista, que assolou o continente, ia revelando

[...] a experiência que nos unifica resume-se em poucas palavras: ditadura militar e neoliberalismo. Primeiramente, as longas e sinistras ditaduras, que dizimaram oponentes, cercearam manifestações culturais e intelectuais e integraram seus países à hegemonia do capitalismo norte-americano. Em segundo, conseqüências sociais das políticas de cunho neoliberal aplicadas com maior ou menor violência em quase todos os países latino-americanos. São essas as experiências que nos unem e nos fazem compartilhar da mesma insegurança social, do mesmo desemprego e da mesma dependência aos organismos financeiros internacionais. Finalmente, como contraponto a essas amargas experiências, há que se considerar a experiência mais positiva dos movimentos sociais atuantes no processo de “democratização da democracia” (MORAES, 2003, p. 9).

Assim, muitos exilados viveram outras experiências de golpes militares, várias ditaduras instauradas em diferentes países, e o retorno foi sendo adiado, foi se distanciando junto com o continente latino-americano. É explícito que a travessia do Atlântico, rumo à Europa, significa, por um lado, que o processo de ditaduras e exílio seguiram, mas, por outro, marca despedidas, partidas, chegadas que são impermanências e rupturas com configurações, memórias, utopias.

O exílio se reafirma heterogêneo e ambíguo, pois recobre as experiências dos exilados com dor, perdas e inflexões e, também, com possibilidades de emancipação, ampliação de horizontes e oportunidades outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Latinoamérica⁸

Tú no puedes comprar alviento

Tú no puedes comprar al sol

Tú no puedes comprar lalluvia

Tú no puedes comprar al calor

Tú no puedes comprar lasnubes

8 Música que tem na letra o tom do protesto e a valorização cultural da América Latina. Considerada obra prima em forma de canção em homenagem à América Latina e seu povo. Autoria e interpretação de Calle 13, dupla de porto-riquenhos, composta por: René Pérez conhecido por Residente e Eduardo Cabra por Visitante. Calle 13 ganhou 5 Grammy Latino 2009 e em 2011 ganharam 11 Grammy's Latino.

Tu no puedes comprar mis colores
Tú no puedes comprar mía alegría
Tú no puedes comprar mis Dolores
[...]Vamos caminando, aquí se respira lucha
Vamos caminando, yo canto porque se escucha
Vamos caminando, aquí estamos de pie
¡Que viva Latinoamérica!
No puedes comprar mi vida
[...]Mi tierra no si vende.

Os movimentos progressistas, sobretudo dos governos de Goulart (Brasil) e Allende (Chile), representavam a utopia de uma nova perspectiva de governar, democrático e humano, um caminho original a partir da América Latina e ao resto do mundo. Ao lado disso, entre as décadas de 1960 e 1980, as Forças Armadas ressurgiram e insurgiram como atores nos cenários políticos da América do Sul com golpes de Estado que originaram ditaduras e, dentre outras consequências e violências, o exílio.

E mais de 50 anos depois, a distância entre a utopia e a opressão revolucionárias na América Latina e o mundo atual parece não se terem afastado.

As reflexões críticas atingem o tom de amargor e protesto com utopia e opressão revolucionárias defendendo a transformação social, pois a “liberdade na América será filha de nossos feitos e de nossos pensamentos” (NERUDA, 2011, p. 170).

Os golpes, as ditaduras e os exílios, na América Latina, ainda sangram sob o domínio incontestável do capital especulativo nacional e estrangeiro, o ataque sem precedentes contra o “direito à vida” e “à liberdade” faz sufocar projetos de transformação social ou apagar políticas de reconstrução da esquerda latino-americana, mas não encobre a utopia dos diálogos em busca do equilíbrio possível entre os desiguais, deixando vir a mostra os efeitos do cenário sócio-histórico desolador, em que as políticas hegemônicas partem ao ataque das conquistas sociais da população e do pensamento pedagógico libertador, insistindo na exploração de um continente.

Veias abertas..., firme no compasso e nas lutas, segue a América Latina, parte de nós e que tão pouco conhecemos. Dizemos que o povo latino-americano é resistente às ditaduras e fonte de inspiração no enfrentamento das lutas de classe, protestando para o mundo como resposta ao imperialismo e ao colonialismo.

E o que acontece com os indivíduos, fica inscrito nos corpos e nas sociedades. Neste sentido, está posta a tentativa para conhecer e superar os mecanismos de dominação e opressão que, dentre outras manifestações déspotas, aqui representadas pelos golpes de Estado, ditaduras e exílio, seja na América Latina ou no mundo, com a dignidade do ser humano enquanto ser social. O passado sempre aparece convocado pelo presente, como memória viva do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Convención sobre el Estatuto de los refugiados**, 1951. Disponível <<http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/0005.pdf>> [Acesso 2012-06-06].
- ARENDRT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BAUER, Carlos. **A natureza autoritária do Estado no Brasil contemporâneo**. Elementos de história e questionamentos políticos. São Paulo: Sundermann, 2012.
- CAVALCANTI, Pedro C. Uchôa & RAMOS, Jovelino (Coords.), **Memórias do exílio. Brasil 1964/19?? De muitos caminhos**. São Paulo: Livramento Ltda, 1978.
- CHASTEEN, John Charles. **América Latina: uma história de sangue e fogo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- FAUSTO, Boris. (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1975.
- FREIRE, Elza Costa. Setembro de 1977. In: COSTA [et. al.]. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. **Espejos: uma historia casi universal**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas: a esquerda brasileira, das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Ática, 1987.

GUZZELLI, César Augusto B., **História contemporânea da América Latina: 1960-1990**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

JULIÃO, Francisco. Esperança é meu signo. In: CAVALCANTI, P. [et. al.]. **De muitos caminhos. Memórias do Exílio, Brasil 1964 – 19???**São Paulo: Livramento, 1978.

LARANJEIRA, Sonia (Org.). **Classes e movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Hucitec, 1990.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação** nº 19, p. 20-28, 2002. Rio de Janeiro.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MAZZA, Débora. **A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: Uma leitura (1941-1964)**. Taubaté: Cabral, 2003.

_____. FERREIRA, Márcia dos S. & SPIGOLON, Nima I. O golpe de 1964 no Brasil: Memórias de mulheres sobre o exílio. **Cadernos CERU**, ed. 26, n. 1, p. 167-184, 2015.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto: porque a manhã vai chegar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MORAES, João Quartim de. **Liberalismo e Ditadura no Cone Sul**. Campinas: UNICAMP, IFCH, 2001.

NERUDA, Pablo. **Para nascer nasci**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2011.

NIEMEYER, Oscar. Niemeyer por ele mesmo. **Revista Nossa América**, 25. ed., 2007. PIOZZI, Patrícia. Prefácio. In: VALLE, M.R. do, 1968: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008.

RABÊLO, José Maria & RABÊLO, Thereza. **Diáspora: os longos caminhos do exílio**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPIGOLON, Nima I. **As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979**. 2014. 506f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais na Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TOLEDO, Caio N. de. **O Governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Entre a realidade e a utopia: ensaios sobre política, moral e socialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

YANKELEVICH, Pablo (Org.). **México, país refugio. La experiencia de los Exilios em el siglo XX**. México: INAH/Plaza y Valdés, 2002.

_____. y JENSEN, Silvina (Orgs.). **Exilios: destinos y experiencias bajo la dictadura militar**. Buenos Aires: Libros Del Zorzal, 2007.

Nima I. Spigolon

Professora da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Credenciada no Programa de Pós-Graduação. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA).

E-mail: professoranima@gmail.com